

## **Carta Pastoral Anual do Bispo - 2019**

### **A "Hospitalidade" como Missão da Igreja. ~ Em direção ao Reino de Deus que transcende qualquer nacionalidade ~**

Paulo Otsuka Yoshinao  
Bispo da diocese de Kyoto

#### **Introdução**

Nos últimos anos, o Japão tem experimentado um rápido crescimento de visitantes estrangeiros, e tem chegado a tornar-se num lugar onde estrangeiros reúnem-se frequentemente em diferentes cidades do país. Em 2020 se espera a realização das Olimpíadas de Tokyo, ao igual que os Jogos Para-olímpicos. A era moderna na que tem progressado a globalização é a era da imigração global e, o fenómeno da migração, pode-se dizer que é "um sinal dos tempos". Nos últimos 50 anos o número de imigrantes no mundo tem se triplicado e, atualmente, mais de 200 milhões de imigrantes vivem fora do seu país de origem. Para abordar este problema de migração, a Caritas Internacional tem implementando uma Campanha que tem por nome "Compartilhar a Viagem" (no Japão, "Campanha de exclusão ZERO - para que as pessoas possam reunir-se além de suas nacionalidades") desde 27 de setembro de 2017 até setembro de 2019.

Na Diocese de Kyoto, os estagiários vindos de Vietnam e Filipinas, estão participando em nossas paróquias. Pensamos profundamente na criação de comunidades multiculturais e multinacionais, e acreditamos que é hora de agir de maneira proativa. O tema da minha Carta Pastoral deste ano versa sobre "Os Migrantes Refugiados". Em primeiro lugar faço uma análise das passagens que falam sobre os estrangeiros na Bíblia e, posteriormente, sobre o desenvolvimento futuro da comunidade eclesial da Diocese de Kyoto. Finalmente, menciono alguns pontos fundamentais da espiritualidade.

Os convido a lerem a edição revisada do ano 2016, "Em direção ao Reino de Deus que transcende qualquer nacionalidade", feita pela Comissão Episcopal de Pastoral Social, da Conferência Episcopal do Japão.

#### **1. Os Estrangeiros no Antigo Testamento**

Na etapa central do Antigo Testamento, Palestina estava ubicada numa área do corredor que conecta Egito com Babilônia, e algumas étnias e tribos sempre estiveram viajando. Esse fenómeno migratório transformou-se na etapa crucial da história da salvação. Naqueles tempos eram uma nação religiosa, com um Deus único para toda a nação, portanto, viver em um país que não fosse seu próprio país, era como viver em "terra pagã". Os estrangeiros se encontravam numa situação instável, tanto religiosa como socialmente. Na Bíblia hebraica encontra-se quatro maneiras

de referir-se ao Estrangeiro: aos estrangeiros chamavase-lhes "Zuwr" (um terrível estrangeiro), "Nokri" (um estrangeiro que devia-se evitar), "Toshab" (um estrangeiro convidado que devia ser honrado) e "Ger" (um estrangeiro respeitado). Segundo as circunstâncias históricas de Israel, significa que as relações com os estrangeiros foram consideradas desde o "medo" até o "respeito"; de "inimigos" a "convidados", porém, também foram considerados como "amigos" .

As experiências do espírito de viver separados de seus lugares de origem, sua terra natal e seu lar, são experiências do povo da Bíblia, e essa foi exatamente a vida dos escravos em Egito, descendentes de Abraão. Essa experiência vinculou-se com uma das prescrições de Deus, não apenas recordando suas circunstâncias anteriores, senão também recordando a obra de Deus nesse momento. *"Não explore o imigrante nem o oprima, porque vocês foram imigrantes no Egito."* (ver Êxodo 22, 20. Deuteronômio 10, 19. Levítico 19, 33 ~ 34). Além, o Deus de Israel escuta particularmente o grito dos pobres, não somente dos órfãos e as viúvas, más também dos estrangeiros (estranhos). Para que os israelitas defendam essas pessoas deu-se uma lei, "Assim diz Javé: Pratiquem o direito e a justiça. Libertem o oprimido da mão do opressor; não tratem com violência, nem oprimam o imigrante, o órfão e a viúva; e não derramem sangue inocente neste lugar." (Jeremias 22, 3).

## **2. Cartas da "hospitalidade" no Novo Testamento.**

Em tempos do Novo Testamento, os filhos de Deus dispersos se reúnem sob a cruz redentora de Cristo (ver João 11, 52), derrubando o muro que separava Israel dos demais (Ver Efésios 2, 14). Pedro então começou a falar: "De fato, estou compreendendo que Deus não faz diferença entre as pessoas. Pelo contrário, ele aceita quem o teme e pratica a justiça, seja qual for a nação a que pertença." (Atos 10, 34 - 35 ). Os cristãos vivem como parte do Corpo de Cristo, a comunidade ao se fazer um com Cristo transformam-se em filhos de Deus (Romanos 8,14 - 16, Gálatas 3, 26, Ver 4, 6).

No Novo Testamento, a "hospitalidade" para os viajantes era considerada como uma das normas da vida cristã (Romanos 12, 13. Hebreus 13, 2, Pedro 4, 9). Além, a "hospitalidade" foi citada como uma qualificação que deveria ter o líder da Igreja (1 Timoteo 3, 2. 5, 10, Tito 1, 8), muito recomendada a todos os cristãos, como uma forma de praticar o amor ao próximo (Romanos 12, 13). Aceitar aos estrangeiros que vierem a seu país, superar o pre-conceito e o medo não é só uma obrigação natural como pessoa, para acolher a outras pessoas com prazer, senão também converteu-se em um serviço aos ensinamentos de Cristo. Eu gostaria de chamar à "hospitalidade" como a missão evangelizadora da Igreja hoje em dia.

### **3. "Hospitalidade" evangélica**

A Bíblia diz que a "hospitalidade" tem um significado mais profundo do que simplesmente convidar aos amigos em casa. O significado da palavra grega "Filoxenia" de "hospitalidade" é " amar aos estranhos". O ato de "convidar" é um chamado a amar às pessoas em questão mais do que a si mesmos e construir uma relação humana com essas pessoas. Quando Jesus foi perguntado "Quem é o meu próximo?", Ele respondeu de uma maneira inversa à pergunta (ver Lucas 10, 25 - 37). Não deveríamos perguntar: "Quem é o meu próximo?" senão "De quem devo ser próximo?" Incluso aqueles que são estranhos, aqueles que precisam de ajuda são próximos a quem devo ajudar. Para os samaritanos, o judeu moribundo que foi atacado por ladrões era "estrangeiro", mas, o critério para que os samaritanos tomem a atitude de converter-se em um "próximo" deste judeu, não foi a nacionalidade. Todos os que precisarem de nós e que podemos ajudar-lhes são nossos próximos (ver Papa Bento XVI, Encíclica "Deus é Amor" 「Deus Caritas Est」 15). Questionando "Quem é o meu próximo?", ele mesmo já está tratando de estabelecer limites e condições. A parábola do bom samaritano nos diz que devemos ir além do fato de ser legítimo ou não, avançar, valorar a relação com essa pessoa sem colocar limite. Os cristãos não praticam essa "hospitalidade" evangélica só para estrangeiros, senão que a sua missão é estender as mãos da "hospitalidade" a todos os que encontramos em nossas vidas. Em outras palavras, "hospitalidade" é a missão valiosa dos cristãos que servem à vida do homem.

### **4. Encontro com Cristo**

"Hospitalidade" evangélica significa expressar amor pelo outro e demonstrar amor por Cristo. "Já estou chegando e batendo à porta" (Apocalipsis 3, 20). Quando um estrangeiro chama à porta da nossa casa, é uma oportunidade importante para nos encontrar com Jesus Cristo. Para os crentes, aceitar aos outros não é um simples filantropismo, senão, uma maneira para encontrar a Cristo em todos. Cristo entre nossos irmãos, especialmente entre os pobres, aqueles que precisam de ajuda, fracos, desprotegidos, dentre os que estão sendo excluídos da sociedade aguardando que se lhes estenda uma mão de ajuda. Portanto, enquanto tivermos vida, não devemos esquecer de tomar consciência de praticar o amor para com os "mais pequenos" de nossos irmãos e irmãs (ver Mateus 25, 31-45).

Na época do Antigo Testamento, para os descendentes de Abraão, ele era um visitante e um peregrino na terra prometida em Caná. "A terra não poderá ser vendida para sempre, porque a terra me pertence, e vocês são para mim imigrantes e hóspedes." (Levi 25,23). Não importa onde nascimos e vivemos, em qualquer lugar do Novo Testamento somos os habitantes da pátria do céu, os que pertencemos ao povo santo, como família de Deus (Efésios 2, 19). Não há lugar para viver permanentemente sobre o chão, os viajantes vivemos como peregrinos (ver Pedro 2, 11), que sempre estão em caminho ao destino final. O Concílio Vaticano II afirma o seguinte. "Porque Deus habitou com todos os seres humanos em toda a

terra (ver Atos 17 e 26), todos os povos formam uma comunidade e têm apenas uma origem. Além disso, todos os grupos étnicos têm apenas um propósito final, estar com Deus (declaração do Concílio Vaticano II sobre a atitude da Igreja com outras religiões diferentes do cristianismo). Portanto, a "hospitalidade" evangélica voltou ser importante na era da migração moderna como missão do povo de Deus que peregrina sobre a terra.

## **5. Direito a emigrar.**

As pessoas têm sua própria pátria, vivem livremente em seu próprio país, mantêm e desenvolvem seu patrimônio lingüístico, cultural e étnico, confessam publicamente sua religião, como seres humanos. Têm direito a serem tratados com dignidade e com um trato adequado. Por outro lado, as pessoas também têm direito a emigrar. A Igreja católica também reconhece que cada pessoa tem a possibilidade de sair de seu próprio país por diversos motivos, e a possibilidade de ingressar em outros países em busca de melhores condições de vida (Papa João Paulo II, Encíclica "Sobre o trabalho humano", 23). Na recente era da imigração, a comunidade internacional deve admitir legalmente o direito a emigrar para outros países e emigrar de outros países. A Igreja ensina que "As nações mais prósperas têm o dever de acolher, enquanto seja possível, ao *estrangeiro* que procura segurança e os meios de vida que não pode encontrar em seu país de origem. (Catecismo da Igreja Católica, 2241).

## **6. Não sejas indiferente com os migrantes.**

Imaginemos o tipo de rejeição que experimentou ao princípio a Sagrada Família de Nazaré. Por causa de não ter onde ficar, "Maria deu à luz o seu filho primogênito. Ela o enfaixou, e o colocou na manjedoura, pois não havia lugar para eles dentro da casa." (Lucas 2, 7). Jesus, Maria e José foram ameaçados pelo desejo de poder de Herodes, foram evacuados para o Egito e tiveram a experiência de abandonar sua pátria como migrantes (ver Mateus 2, 13-14). Para os cristãos contemporâneos, a existência de imigrantes fomentará os desafios evangélicos. Alguns migrantes também incluem refugiados que tentam escapar das más condições de vida e todo tipo de perigos. "Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês foram me visitar". Jesus afirma que o necessitado é Ele mesmo (Mateo 25, 35 - 36). Além de apresentar constantemente os ensinamentos de Cristo, a Igreja deveria adaptar seus ensinamentos aos "sinais dos tempos".

O Papa Francisco lamentou-se pela situação inhumana dos refugiados imigrantes no mundo todo. "Onde está o seu irmão Abel? Caim respondeu: «Não sei. Por acaso eu sou o guarda do meu irmão?» Javé disse: O que foi que você fez? Ouço o sangue do seu irmão, clamando da terra para mim". Adverte-se que a pergunta do Génesis (ver Génesis 4, 9-10) está gritando "mais além do tempo e está dirigida à comunidade

internacional. "o frio dos imigrantes é uma hipocrisia. Através dos nossos olhos, o Senhor olha a angústia e a dor dos nossos irmãos. Estendamos nossas mãos e levantemos nossa voz protestando contra a injustiça. O silêncio é cómplice" (6 de julho de 2018, Missa pelos refugiados). Não devemos ser indiferentes perante os refugiados nem perante as notícias mundiais que falam deles. Não podemos permitir-nos o luxo de abandonar às pessoas mais fracas e indefesas que vivem com suas vidas em perigo e em situação instável, rejeitadas da sociedade. É nosso dever de cristãos estar sempre atentos às difíceis circunstâncias dos migrantes e as duras penas dos refugiados.

## **7. Uma Igreja universal sem fronteiras.**

Dado que a Igreja é católica (universal), promove a união, o amor e a paz no mundo, além das diferenças de religião, e elimina toda exclusão étnica e discriminação racial. A gente local também emigra ao estrangeiro pacificamente. Tem a missão de construir uma sociedade que coexista por igual (ver Papa Pablo VI, Encíclica "Ecclesiam Suam"). Quando se diz "Igreja japonesa" não significa "Igreja dos japoneses" senão "Igreja que está no Japão". Na medida que o Japão se torna uma sociedade simbiótica multicultural, devemos trabalhar arduamente para que os cristãos pratiquem a "hospitalidade" evangélica e tomem a iniciativa para criar uma "cultura de encontro". Isto é o dever da Igreja, sua missão original, não como uma atividade adicional e seletiva que pode se realizar ou não.

Agora é o momento certo de mostrar o verdadeiro rosto de uma Igreja aberta a todas as pessoas. Os estrangeiros que frequentam as paróquias são membros de fé que ajudam na construção da comunidade como irmãos e irmãs entre si, e não apenas um lugar para cuidá-los. Também é importante para nós, na Diocese de Kyoto, perseverar no interesse pelos cidadãos estrangeiros e perseverar no caminho do diálogo com cada um, mostrando tolerância.

## **8. A Paróquia "A casa onde você pode ficar sem hesitação"**

A palavra grega "Paroikia" que significa paróquia, deriva-se do verbo "conviver" (Paroikeo), que usa-se com maior frequência no Novo Testamento, no sentido de coabitar num mesmo lugar como estrangeiro. Em uma palavra, a Igreja Paroquial acolhe com muito prazer a todas as pessoas que vierem, não discrimina ninguém. Na Igreja ninguém é estrangeiro. A Igreja é uma família para todas as pessoas, especialmente para aqueles que trabalham e aqueles que estão agobiados, onde se sintam seguros e tranquilos.

Para os crentes religiosos, entendamos também que a religião (o catolicismo) não só é indispensável para a vida, senão também o fundamento da identidade e a origem étnica do país de origem. "As famílias dos emigrantes, tratando-se especialmente de operários e de agricultores devem encontrar em toda a parte, na Igreja, a sua pátria. É este um dever conatural à Igreja, sendo como é sinal de unidade na diversidade." (Papa

João Paulo II, Exortação Apostólica Familiaris Consortio n.77). Não fazer uma "divisão" entre os crentes locais e grupos de imigrantes dentro da paróquia. Do contrário, estaremos fechando a possibilidade de intercâmbios mais profundos e estaremos mantendo somente uma relação superficial. Pelo contrário, não devemos poupar esforços e oportunidades contínuas de trabalhar juntos para explorar novas formas de enriquecer-nos mutuamente na fé. Como exemplo disto, incluso na Diocese de Kyoto, há 30 anos não se conhecia, más, graças aos migrantes Latino-Americanos, as festas de "Nossa Senhora Aparecida" do Brasil e o "Senhor dos Milagres" do Perú, foram acolhidas para assim juntos celebrar. As celebrações locais incorporaram as tradições e a fé da Igreja de cada país e poder celebrá-la juntos, aprendimos uma espiritualidade católica mais rica e conseguimos experimentar a universalidade da Igreja. A confraternidade e o consenso para criar uma comunidade multinacional não significa uma assimilação que exclua as identidades culturais dos próprios migrantes. Pelo contrário, os crentes locais sentirão a energia da maravilhosa fé que os migrantes possuem, através de intercâmbios, e se familiarizarão com as raízes da fé dos demais, como dons de Deus (Pontifício Conselho para a Pastoral dos Emigrantes e Itinerantes, Instrução "A Caridade de Cristo aos emigrantes" 2, 42, 43, 62, 80, 89).

## **9. A todos os fiéis estrangeiros**

Todos os que são cidadãos estrangeiros na Diocese de Kyoto são missionários num sentido especial, porque vieram ao Japão com a fé católica. Como o Japão não tem raízes na cultura cristã, em comparação aos vossos países, encontrarão dificuldades para viver vossa fé. Além, a sociedade moderna tentará excluir os ensinamentos de Deus e da Igreja e, mais ainda, sobre a vida humana. Não se sinta tentado a perder o sentido da fé nem perder a consciência de ser membro da Igreja neste entorno. Na Diocese de Kyoto conhecemos gente nueva, estamos aprendendo novamente sobre a importância de viver na vida cotidiana a alegria e o poder subjacente que a fé traz a nossas vidas e a fé que temos adquirido. Apreciem suas famílias, orem nas suas casas, comuniquem a fé às crianças, orem a Deus para que os proteja em todos os aspectos da vida; lembrem ser agradecidos e tenham esperança, este caminho será um modelo para todo crente. Compreendo bem o desejo de todos que desejam receber assistência espiritual e formação com mais frequência em sua própria língua materna, más, por favor, peço-lhes que cooperem com a Igreja local para criar uma comunidade eclesial mais rica.

Maria, que experimentou incluso o exílio no caminho da fé, está ao nosso lado como Mãe em cada momento da nossa viagem. Que o Senhor Jesus Cristo, com sua Mãe Maria, limpe as lágrimas de todos os que abandonaram sua terra e tiveram que separar-se de seus seres queridos, e lhes ajude a sarar. Brindemos esperança aos corações das pessoas que viajam ao redor do mundo. Oremos por todos aqueles que trabalham com os imigrantes e refugiados.

## **Sobre a nova edição da mensagem: “Em direção ao Reino de Deus que transcende qualquer nacionalidade”.**

A Conferência Episcopal Japonesa através da Comissão Episcopal Social, chamando toda a Igreja Japonesa, aprovou no dia 05 de novembro de 1992 a mensagem “Em direção ao Reino de Deus que transcende qualquer nacionalidade” e publicou a mesma no dia 20 de janeiro de 1993.

Aquela foi uma época onde houve um número crescente de migrantes estrangeiros no Japão, e também muitos fiéis estrangeiros visitavam as Igrejas. Para responder a este fato, começaram também a ser fixadas as Missas em língua estrangeira. Os fiéis japoneses enquanto tinham o prazer de ver que crescia o número de pessoas com a mesma fé, ao mesmo tempo começou também a confusão na aceitação das diferentes culturas. Nas pequenas Igrejas da região, aumentando o número de estrangeiros que participavam da missa junto com os japoneses, criou-se uma confusão quando os estrangeiros se tornaram o centro da Igreja. Em tal situação, foi lembrado que a Igreja japonesa, na acolhida dos estrangeiros refugiados e migrantes é chamada a colocar-se ao lado destes.

Em seguida, mais de 20 anos se passaram e a situação dos estrangeiros mudou significativamente. Muitos dos trabalhadores após o colapso do Lehman Brothers foram embora, mas o número de casamentos internacionais cresceu, e começou também uma mudança geracional nos trabalhadores migrantes. O nível da assistência governamental foi consolidado. Por outro lado, aumentou o ódio nos discursos xenofóbicos e a discriminação contra os estrangeiros da parte do governo, que não mudou a realidade de antes, mas ajudou a piorar.

Chegou o momento em que a Comissão Episcopal Social junto com a Igreja do Japão e a sociedade pense sobre como construir uma comunidade multinacional e multicultural, a partir da mudança de realidade da primeira edição, consultando a Comissão para os Migrantes e Refugiados, fazendo algumas correções e explicações dos dados do texto, publique e distribua segunda edição revisada dessa mensagem. Comparando a situação atual com aquela passada, alguns pontos já foram realizados, outros ainda não, e nos últimos anos novos temas foram compartilhados, e seria muito apreciado se essa mensagem levasse as pessoas a pensar e agir.

25 de setembro de 2016

Conferência Episcopal Japonesa Presidente da Comissão Episcopal Social  
Hamaguchi Sueo

**Segunda Edição**  
**Em direção ao Reino de Deus que transcende qualquer nacionalidade**  
**Conferência Episcopal Japonesa**  
**Comissão Episcopal Social**

**Meus caros irmãos e irmãs,**

a Igreja da as boas vindas aos imigrantes e tem a missão de atendê-los. Para confirmar mais uma vez essa responsabilidade, nós Bispos decidimos publicar essa mensagem.

**Imigração – viagem de encontro**

1 A “Imigração” tanto na história da salvação como na construção do Reino de Deus tem um profundo envolvimento como fenômeno social. O nosso antepassado Abraão, seguindo a vontade de Deus, deixou a sua terra natal e foi para a terra de Canaã. Essa viagem foi escolhida por Deus salvador como preparação para que o povo de Israel pudesse se estabelecer na terra de Canaã. Por isso, até que a salvação do Reino Deus seja completada, o povo de Deus continua em viagem.

No passado quando o Japão era pobre, aproximadamente um milhão de pessoas se transferiram para países da América do Norte, América do Sul ou outros países asiáticos. Atualmente, seus descendentes, chamados de Nikkei são aproximadamente 3,5 milhões de pessoas (dados a partir do site da Associação dos Nikkeis no Exterior do ano de 2014), e não é incomum que a maioria entre esses seja católica. Nos últimos anos, aumentou rapidamente o numero de pessoas ricas que visitam o Japão. Entre eles, os estrangeiros que residem no Japão, são cerca de 2,3 milhões de pessoas, incluindo os residentes não regulares (dados a partir do site do Ministério da Justiça). Entre as pessoas que visitam o Japão, a grande maioria visita as Igrejas católicas, o número dos católicos é estimado em pelo menos 410.000 pessoas. Hoje, a Igreja presente no Japão quer incessantemente encontrar os estrangeiros, principalmente aqueles que por varias razões estão precisando de suporte, proteção, assistência e ajuda:

- ① Trabalhadores estrangeiros imigrantes e suas famílias.
- ② Cônjuges estrangeiros do casamento internacional.
- ③ Crianças de um país estrangeiro com as próprias raízes.
- ④ Estagiários técnicos.
- ⑤ Estudantes estrangeiros.
- ⑥ Imigrantes que antes da guerra, durante o período colonial ou durante a guerra foram forçados a vir para o Japão da Coreia do Sul, Coreia do Norte, Taiwan ou China e seus descendentes.



- ⑦ Refugiados.
- ⑧ Marinheiros que atracam nos vários portos.
- ⑨ Vítimas do tráfico de seres humanos.
- ⑩ Estrangeiros que estão alojados em prisões e centros de imigração.

Ao atender essas pessoas, nós estamos vivendo com elas, trabalhando juntos, rezando juntos, e assim tanto a Igreja como a sociedade japonesa aprende a ter como meta a reforma evangélica.

### **O principal problema do encontro**

2 Na sociedade japonesa atual estamos vendo que pessoas de diferente raça, sexo, língua, cultura, estilo de vida, lei e religião são vistas como uma ameaça e isso aprofunda a discriminação e a xenofobia. Infelizmente, acreditamos que recentemente também dentro da Igreja exista um movimento como esse. Por outro lado, as pessoas e as suas famílias quem vem de um país estrangeiro, não possuem nenhuma base social, porque a situação onde viviam era instável, e muitas vezes são marginalizadas nas questões de residência e local de trabalho. Muitas pessoas não são protegidas pela lei japonesa, ficando em uma posição vulnerável, e acabam assim sendo utilizadas em um modo desumano.

Atualmente no Japão a “Lei de Controle da Imigração e Reconhecimento de Refugiados” (Lei de Controle da Imigração) estabeleceu 27 tipos de motivos para a residência dos estrangeiros. Além disso, foram também regulamentadas as atividades específicas que são permitidas para cada tipo de permanência. Nos últimos 30 anos aumentaram o numero de vistos permanentes causados pelo casamento internacional, mas tanto para ele como para ela, não são garantidos os mesmos direitos dos japoneses. Muitos problemas têm ocorrido em tais circunstâncias. Os principais consistem na falta de trabalho qualificado no Japão, e assim os imigrantes são forçados a trabalhar duro para complementar o salario; os danos da violência tais como o isolamento e violência domestica no lado feminino das uniões internacionais, a alienação dos filhos que tem raízes em um país estrangeiro; o tratamento desumano nos centros de detenção de residentes não regulares e a falta de reconhecimento do estatuto de refugiado. Além disso, nos últimos anos, a disseminação da xenofobia representada no discurso de ódio em todo o país tornou-se um grande problema social.

## **Ir além do “uso” – testemunho da universalidade da Igreja**

3 Nós cristãos somos convidados a sermos unidos com qualquer um em Cristo. Por isso, a Igreja japonesa não deve perder nunca de vista que agora é uma grande oportunidade. Na Igreja cada geração, área de estudo, estilo de vida e cultura devem continuar a tolerar as diferenças uns dos outros. Na experiência de atrito e dor que resulta das diferenças de cada um, temos a oportunidade de conversão. Por estar envolvida com esta conversão a Igreja pode usar a riqueza da diversidade. Quando nos esforçamos para viver com as diferenças dessa forma em vez de impor a assimilação e a nossa própria forma de vida para os outros, formamos uma nova sociedade que, vivendo juntos, será capaz de criar uma cultura.

Para a Igreja todos são irmãos e irmãs em Cristo. A Igreja no Japão não é feita somente de japoneses. Não devemos apenas recebe-los, mas também cooperar para coexistir com as diferenças, para assim sermos capazes de testemunhar a universalidade da igreja na sociedade.

Através do encontro com pessoas de diferentes nacionalidades, vamos continuar a testemunhar o Reino de Deus na construção de uma nova humanidade. Seguindo os ensinamentos que São Paulo dirigia aos fiéis da Galácia, certamente esta mensagem também é atual para nós.

“De fato, todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Já não há diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vós sois um só em Jesus Cristo”. Gálatas 3,26-28.

Que seja possível a todas as pessoas que visitam uma igreja, e também a todos os que estão envolvidos com a Igreja, compartilhar a alegria de encontrar Cristo.

## **Desafio da igreja no Japão**

Que pessoas em muitos países deixam a sua família, pátria, etnia, religião, língua e cultura diferentes daquela japonesa e vem para o Japão para realizarem a sua existência é verdadeiramente um “sinal dos tempos”, que agora também continuam a mudar. Este “sinal dos tempos” também é um novo desafio para a Igreja do Japão que está construindo o Reino de Deus que transcende qualquer nacionalidade, e se desenvolve para a possibilidade da implantação de uma nova evangelização. Na verdade, em varias partes do Japão um grande número de fiéis, religiosos e sacerdotes continuam oferecendo

todas as suas energias neste processo, e por isso são muito estimados. No entanto, a resposta atual ao sinal dos tempos, ao invés de ser somente por parte de alguns fiéis, é um desafio que deve ser abordado por toda a Igreja japonesa. Os temas principais são as seguintes:

#### **a. Desafios que devem ser abordados com os movimentos civis e a administração pública.**

- ① Devemos trabalhar pelos direitos humanos e tomar a iniciativa contra as frequentes violações dos direitos humanos. Precisa-se de cooperação para resolver os problemas de assistência médica, acidentes de trabalho, demissão injusta, o não pagamento do salário, a procura de um emprego, a procura de habitação e o repatriamento forçado dos residentes em excesso, a violência doméstica na união internacional, as crianças com raízes na educação estrangeira.
- ② Pensar na educação dos cônjuges e filhos para responder as necessidades do casamento internacional. Para ajudar o estrangeiro a viver no Japão, será preciso conhecer a lei, o estilo da vida e a culinária, como também a língua japonesa através da programação de encontros de orientação e seminários.
- ③ Nos esforçar na criação de um abrigo de emergência para ser usado junto com o grupo de cidadãos.
- ④ Quem ignorou conscientemente a “Lei de Controle da Imigração e Reconhecimento de Refugiados” e por isso se tornou “ilegal” segundo os direitos humanos deve ser “legalizado”.
- ⑤ Esforçar-se para respeitar a “Lei de Controle da Imigração e Reconhecimento de Refugiados” e as leis e regulamentos que são baseados nos direitos humanos fundamentais. Eliminar a discriminação e a xenofobia, que é o método básico para que os direitos humanos dos estrangeiros sejam respeitados, abordar os temas da “Eliminação da Discriminação Racial”, e também do movimento para a legislação de estrangeiros residentes.
- ⑥ Em 18/12/1990 foi aprovada na Assembleia Geral da ONU a proteção dos trabalhadores estrangeiros com o tratado “Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias”, na qual os cristãos têm o dever de aprender, o governo japonês de ratificar, e os movimentos civis devem assimilar esse tratado.
- ⑦ Esforçar-se para uma profunda compreensão entre os países que mandam trabalhadores imigrantes, os países que recebem e todos os países onde passam esses imigrantes, o fundo econômico e político, entre outros problemas.

## **b. Desafios individuais da Igreja**

- ① A Igreja japonesa e os japoneses devem fazer mais esforços para serem capazes de testemunhar que é um grupo formado por diferentes nações e culturas.
- ② Cada diocese e paróquia, no âmbito de cooperação com a Comissão de migrantes e reinstalação dos refugiados (J-CARM), deve se esforçar para alcançar as seguintes medidas específicas.
  - Aceitar que os estrangeiros possam participar ativamente da liturgia e dos sacramentos respeitando a sua expressão da fé. Preparar livros litúrgicos também em língua estrangeira, como também planejar sessões de treinamento e cursos necessários para a educação da fé.
  - Independentemente da nacionalidade, admitir a filiação à paróquia, para criar um lugar onde promover a comunicação entre os estrangeiros. Além disso, porque todo mundo é responsável por continuar a construir a comunidade, incentivar para que os novos filiados sejam colocados em uma pastoral da paróquia.
  - Como os fiéis estrangeiros não podem ficar alienados das informações, que seja realizada tanto quanto possível a interpretação e a tradução das informações da paróquia.
  - Para que todo mundo possa ser capaz de participar da missa em sua língua nativa, existe a necessidade de refletirmos sobre a aplicação da missa em língua estrangeira. Sobre a missa estrangeira, se espera que cada paróquia faça um plano específico. Nesse momento, não queremos que a comunidade estrangeira se separe da comunidade paroquial.
  - Todos devem ser capazes também de participar ativamente de reuniões e eventos da igreja, especialmente os fiéis estrangeiros.
  - É desejável que em cada Diocese seja estabelecido um balcão de consulta, onde concretamente se possa responder as dúvidas que alguém por acaso tiver.
  - Como Igreja, devemos criar sistemas e redes de comunicação social que possam acomodar uma variedade de problemas que os estrangeiros enfrentam.

Sobre os itens acima, deverá ser introduzido no curso de formação para sacerdotes, religiosos e leigos nos seminários o treinamento necessário para se trabalhar com pessoas de vários países.

Rezemos para que sobre todos os nossos esforços que visam à realização do Reino de Deus que transcende qualquer nacionalidade esteja a rica bênção de Deus que é o Pai de toda a humanidade.

25 de setembro de 2016  
Conferência Episcopal Japonesa  
Comissão Episcopal Social